

COLEÇÃO **gira mundo**

Nº 8 / 2002

Poesia narrativa, popular, impressa. Pode-se simplificar o significado de literatura de cordel com este trinômio.



O nome "cordel" vem das cordinhas que improvisam varais onde são pendurados folhetos com versos, nas feiras, praças e mercados. Os folhetos são impressos em papel barato e ilustrados com xilogravuras, encontrados principalmente no Nordeste e nas cidades onde há grande migração de nordestinos. Geralmente, o próprio poeta popular é o editor e vendedor de suas histórias.



Em versos de 10 ou 12 sílabas, a poética de cada folheto conta fatos populares, que podem ser classificados em cinco grandes temas: romance, aventura, humor, heroísmo ou encantamento.

Objetivando incentivar o hábito da leitura, pesquise com seus alunos alguns nomes abordados na literatura de cordel: Lampião, Getúlio Vargas, Padre Cícero etc. Conhecer alguns autores de cordel pode ser muito enriquecedor, também. Promova pesquisas e debates sobre a cultura e a literatura nordestinas.

Quem sabe, para incrementar, a turma organiza um passeio à Feira de São Cristóvão e conhece, além do cordel, outros aspectos da cultura nordestina? A feira acontece no Campo de São Cristóvão s/nº, todos os fins de semana.

A literatura de cordel chegou no Brasil por meio dos colonizadores portugueses, em "folhas soltas" ou mesmo em manuscritos. Só muito mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias - fins do século XIX -, a literatura de cordel surgiu e se fixou no Nordeste.

A T I V I D A D E

Promova um concurso de cordel em sua escola! Aproveite este espaço para aguçar a imaginação de seus alunos, incentive a rima, trabalhe e brinque com as palavras. Cada aluno elaborará um texto no formato da literatura de cordel, após escolher uma temática para desenvolver. Em duplas, fazem as correções e as encadernações dos trabalhos.

Para as séries iniciais, o professor pode oferecer uma matriz onde, em grupo, os alunos pensarão quais palavras podem ser encaixadas, a fim de completar o texto com rima, construindo sentido.

José e Maria
 Autor: José Rodrigues de Oliveira
 Recife, junho/2000

Eu vou contar uma história
 Que é história verdadeira,
 Somente eu troco os nomes,
 Pra não cair na besteira,
 De não provocar suspense,
 Mostrando logo a bandeira.
 Mas deixemos de conversa,
 Vou começar o enredo,
 Tudo que José me disse
 Escreverei sem ter medo,
 E o José está ciente
 Que não guardarei segredo.

Título: _____
 Autores: _____
 Rio de Janeiro, setembro/2002

Eu vou _____ uma _____
 Que é _____ verdadeira,
 Somente eu _____ os _____,
 Pra não _____ na _____,
 De não provocar _____,
 Mostrando logo a _____,
 Mas _____ de conversa,
 Vou começar o enredo,
 Tudo que _____ me disse
 Escreverei sem ter _____,
 E o _____ está _____,
 Que não guardarei segredo.

(Baseado no cordel de José Rodrigues de Oliveira)

Os livros podem ser expostos em um grande cordel, no pátio da escola.

Curiosidade

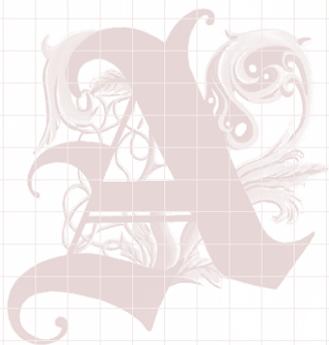
Repentista não é a mesma coisa que cordelista.

É importante distinguir, entre os poetas populares nordestinos, aqueles que se dedicam à cantoria – cantadores, violeiros, repentistas – daqueles que escrevem histórias em poesia – cordelista.

Os repentistas são poetas populares que se apresentam, geralmente em duplas, perante o público, cantando versos de improviso sobre temas variados. A capacidade de improvisação e os conhecimentos de cada repentista são colocados à prova. Uma verdadeira peleja intelectual.



Outro aspecto de grande importância do cordel é, sem dúvida, a xilogravura de suas capas. Xilogravura é uma técnica de impressão feita em pedaços de madeira com desenhos feitos em relevo. O artista escolhe um bloco de madeira com superfície lisa e plana. A partir daí, com uma faca, crava em madeira o que deve aparecer em branco no produto final, deixando saliente o que deve aparecer em preto, em um conjunto de arestas muito finas. Para imprimir, a superfície da placa deve ser coberta com tinta (normalmente feita de óleo e fuligem) e o papel comprimido contra a placa. O resultado final sai ao contrário da figura original.



Sabe-se que o cordel antigo não trazia xilogravuras. Suas capas eram ilustradas apenas com vinhetas – pobres arabescos usados nas pequenas tipografias do interior nordestino.

A xilogravura – arte de gravar em madeira – é de origem chinesa, sendo conhecida desde o século VI. No Ocidente, durante a Idade Média, foi usada nas iluminuras – letras capitulares, ornamento de uma página ou texto – e confecções de baralhos.

Só a partir de meados do século XIX é que o xilogravurista começou a ter alguma importância. Antes era apenas conhecido pelo desígnio de gravador ou como um técnico de reprodução. Este profissional começou a ser reconhecido como artista, por causa da importância que estudiosos e galeristas deram às xilogravuras impressas nas capas dos folhetos de cordel.

Existem vários tipos de gravura, entre elas podemos citar:

Linoleogravura

Gravura em relevo, onde a matriz é o linóleo (um tipo de borracha), que também é talhado.

Xilogravura

Gravura em relevo, cuja confecção de matrizes é feita entalhando-se a madeira.

Serigrafia

Gravura feita usando-se um caixilho com tela de seda ou náilon.

Litografia

Gravura de superfície onde o desenho é feito em pedra calcária.

Calcografia

Gravura feita em chapa de cobre com sulcos e entalhes.



Miró, Joan.
*Série
Barcelona
XLVII.*
Litogravura



Segall, Lasar.
*Mulher de
Braços
Cruzados.*
Xilogravura



Warhol,
Andy.
*Marilyn
Monroe.*
Serigrafia

No séc. XX o uso da gravura foi muito difundido entre os artistas graças a sua força de expressão e diversidade que ela apresenta. Após a explicação sobre o que é gravura, apresente alguns artistas que se utilizaram dela como meio de expressão e amplie o universo expressivo dos alunos com trabalhos artísticos.

Deixe o aluno escolher os materiais que quiser (folhas, lixas, diferentes tipos de papéis etc.); cada aluno deve fazer uma colagem artística com o material escolhido. Depois de prontas as matrizes, espalha-se tinta sobre a colagem e são feitos os testes de impressão. Define-se quantas cópias serão produzidas e cada "artista" enumera e assina todas elas, garantindo a autenticidade.

Observe o processo de criação do aluno, procurando interferir apenas quando lhe for solicitado. Ao final das atividades peça para o aluno prender seu trabalho na parede e falar um pouco sobre ele, se gostou de fazer, suas dificuldades, se gostou do seu resultado final. Abra a discussão para que os colegas também avaliem.

Bibliografia

- COSTELLA, Antônio. *Introdução à gravura e história da xilografia*. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 1984.
- MEYER, Marlyse. *Literatura Comentada - Autores de Cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- SILVA, Oswaldo. *A arte maior da gravura*. São Paulo: Spade, 1976.

Empresa Municipal de Multimídias
ouvidoriamultirio@pefj.rj.gov.br
Largo dos Leões, 15 - 9º andar
Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210



Colaboração
Ana Cristina Lemos
Cristina Campos
Lúcia Barteiros
Nancy A. Soares
Impressão e Fôlito
Gráfica e Editora Posigraf
Tiragem
40 mil exemplares

Secretaria Municipal
de Educação
Sonia Mograbi
MULTIRIO
Presidência
Regina de Assis
Diretoria de Publicações
Mafra Inês Delorme
Gerência de Multimídia
Guaira Mitanda